



## **Memórias das cheias em São Sebastião do Caí**

Janice Roberta Schröder\*  
Luiz Antônio Gloger Maroneze\*\*

**Resumo:** A cidade de São Sebastião do Caí se tornou vila em 1875 em virtude do rio Caí. Em suas margens foi construído um porto e este serviu como escoadouro da produção dos moradores da região. Em função da importância do rio, muitas habitações foram construídas em seu entorno, contudo o povoamento teve de conviver sistematicamente com as cheias do manancial. As enchentes, para os habitantes de São Sebastião do Caí, parecem funcionar como um traço distintivo para a cidade. As lembranças das antigas cheias, e as formas tradicionais de se relacionarem com elas, filiam os caienses a uma estranha forma de distinção. Apesar das cheias constituírem um evento natural que traz prejuízos, sua rememoração fornece elementos para uma identidade local. A frequência das cheias e a relação dos caienses com as mesmas geraram memórias coletivas e tornaram as enchentes traço de identidade cultural dos caienses. Não se tem a intenção de explicar as causas das enchentes; o objetivo deste artigo é analisar as memórias e representações sociais das enchentes, incluindo o estudo no campo da História Cultural do urbano, como propõe Pesavento (2002). A pesquisa é qualitativa e a fundamentação metodológica para o trabalho com História oral, através de entrevistas, foi buscada em Thompson (1992) e Alberti (2008). Foram entrevistados dez caienses entre 22 e 83 anos. O presente estudo foi desenvolvido a partir da percepção de que para parte dos caienses as cheias são vistas como um evento "natural" e como algo comum aos moradores afetados; para eles, as enchentes se tornaram parte da cultura local e marco identitário. O trabalho justifica-se pela inexistência de estudos sobre as cheias a partir de um viés cultural. A pesquisa com os caienses afetados pelas cheias traz subsídios para que se analise a lógica cultural específica desse espaço urbano, o imaginário das enchentes.

**Palavras-chave:** cidade; memória; imaginário; enchentes.

---

\* Mestranda em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: [janicerobertas@hotmail.com](mailto:janicerobertas@hotmail.com).

\*\* Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor na Universidade Feevale. Contato: [luizmaroneze@feevale.br](mailto:luizmaroneze@feevale.br).



**Abstract:** The city of São Sebastião do Caí became a village in 1875 because of the Caíriver. A port was built on its margins to be used as an outlet for the local production. Due to its notable importance, the housing has developed around the river; nevertheless, the population had to live routinely with its floods. These floods, to the residents, seem to work as a distinctive feature of the city. The memories of past floods, as well as the traditional ways of dealing with them have connected these people in a strange form of distinction. In spite of the fact that the floods consist of natural events that bring damage to the community, their remembrance provides elements for local identity. The frequency of the floods and the residents' relationship with them have created collective memories and turned them into a cultural trait of the region. We do not intend to explain the flood causes; the aim of this study is to analyze the memories and social representations related to them, including the study in the field of Cultural History of the urban region, as proposed by Pesavento (2002). This qualitative research has made use of the methodological approach from Oral History, through interviews, and has based itself in the works of Thompson (1992) and Alberti (2008). Ten residents with ages ranging from 22 to 83 years have been interviewed. The present study was developed from the perception of those subjects that the floods are seen as a “natural” event and as a common issue among the residents, becoming, thus, part of the local culture and an identity mark. The present work is justified by the lack of studies on the floods through a cultural approach. It also provides elements for the analysis of the specific cultural logic of this urban space, the flood imagery.

**Keywords:** city; memories; imagery; floods.

A cidade de São Sebastião do Caí se constituiu a partir do rio Caí. Em 1875, o povoado foi elevado à categoria de vila. O município nasceu, cresceu e se desenvolveu devido ao Porto Guimarães, a partir do qual as mercadorias da região eram levadas a Porto Alegre e arredores e, da mesma forma, através deste, outras mercadorias adentravam a cidade. Este trabalho de pesquisa em relação ao rio e às enchentes foi motivado pela inexistência de pesquisas acadêmicas sobre o tema sob o viés proposto por este artigo. As enchentes são frequentes e afetam consideravelmente a vida dos moradores da cidade, tornando-se uma referência de identidade profundamente arraigada na memória coletiva da comunidade. Para termos ideia da abrangência das enchentes apresentamos a imagem a seguir:



Figura 1: Foto aérea da cidade durante a enchente de 1982. Acervo fotográfico da família Selbach.

A foto foi tirada durante a enchente de 1982 e, pelo que podemos constatar, além do bairro Navegantes, que se localiza junto a rio, boa parte do centro foi atingida pela enchente; somente a parte mais alta do centro não foi atingida. Portanto, as cheias afetam um considerável número de caienses e tornaram-se parte da memória coletiva da comunidade.

Conforme Pesavento (2002, p. 21), o historiador da cultura "utiliza-se de conceitos como representação e imaginário ou do princípio do cruzamento das práticas com os discursos de representação do real, escorados na estratégia metodológica detetivesca" para desenvolver seus estudos. Nesse sentido, buscamos as memórias e representações sociais do rio Caí e de suas enchentes a partir de entrevistas realizadas com dez moradores da cidade de São Sebastião do Caí, com várias idades e experiências de vida diferentes e que residem ou residiram em locais afetados pelas cheias. O intuito do artigo é pesquisar, através das memórias e das representações, os imaginários dos caienses acerca das enchentes. De acordo com Pesavento(2002, p. 8), "a representação guia o mundo, através do efeito mágico da palavra e da imagem, que dão significado à realidade e pautam valores e condutas". A pesquisa com os caienses afetados pelas cheias traz subsídios para que se analise a lógica cultural específica desse espaço urbano, o imaginário das enchentes.

## O Rio Caí



São Sebastião do Caí traz a herança indígena em seu nome: Caí significa rio da mata, enquanto São Sebastião se refere ao nome do padroeiro da cidade. O rio Caí pertence à bacia que recebe seu nome e, de acordo com o Comitê de gerenciamento da bacia hidrográfica do rio Caí, abrange uma extensão de 264 km. As águas do rio Caí deságuam na margem esquerda do rio Jacuí, no local onde se inicia a formação do lago Guaíba (REINHEIMER, 2010). Este rio foi muito importante para a história de São Sebastião do Caí e essa importância se deu devido à sua navegabilidade, que proporcionou a possibilidade da construção de um porto. Conforme o Relatório Temático do Departamento de Recursos Hídricos de São Sebastião do Caí:

O rio Caí foi importante rota para mercadores espanhóis, que subiam o Rio da Prata, e portugueses, vindos da Lagoa dos Patos, pelo Rio Jacuí. Os desbravadores faziam também incursões terrestres, com o objetivo de explorar e dominar terras e de procurar índios para os trabalhos de mineração e engenhos de açúcar nas capitânicas do Norte, os quais eram trocados por facões, machados e outras bugigangas de pouco valor. Os indígenas dominavam esta região de Ibiacá, que significa “Travessia do Caminho do Rio” e que abrangia desde Santa Catarina até a margem esquerda do Rio Jacuí. Nela estava incluída a região de Ibiá, que se estendia entre as bacias dos rios Taquari e Caí. (Relatório Temático do Departamento de Recursos Hídricos de São Sebastião do Caí, 2007, p. 14-15)

A partir da citação acima, podemos perceber a importância do rio como rota de mercadores. A sede do povoado, inicialmente em São José do Hortêncio, foi transferida, em 1873, para São Sebastião do Caí por causa do comércio realizado através do rio entre Caxias do Sul, Porto Alegre e arredores, valendo-se do Porto de Guimarães. No mesmo relatório consta ainda:

Isto demonstra a importância econômica que o Porto de São Sebastião do Caí vai adquirindo e que só aumentará com a chegada dos colonos italianos alguns anos depois. Em 1875, o Porto de Guimarães foi elevado à categoria de vila, recebendo o nome de São Sebastião do Caí. É enorme a importância das vias navegáveis para a região durante o século dezanove, tendo servido de referencial para a implantação dos núcleos urbanos açorianos e grande parte dos centros da colonização alemã. (Idem, 2007, p. 19)

A navegação possibilitou o desenvolvimento do comércio de tal forma que São Sebastião do Caí passa a ser o grande centro de negócios da região. O mesmo relatório aponta ainda que toda a produção da zona de colonização alemã, no Vale do Caí, e italiana, na Serra, era levada em carretas ou lombo de burro até o porto da cidade – o Porto dos Guimarães – para ser então conduzida de barco a Porto Alegre. Contudo, a navegação era dificultada devido à variação do nível do rio, que baixava em determinadas épocas do ano por causa das



estiagens. Para solucionar o problema, foi projetada a Barragem Rio Branco no final do século XIX. De acordo com Relatório Temático da Disponibilidade Hídrica (2007, p. 45), a Barragem Rio Branco foi a primeira da América do Sul e deixou o rio Caí em excelentes condições de navegação nos 132 km que separam a cidade da capital gaúcha.

De acordo com o Relatório Temático A.2 (2007, p. 1), a Bacia Hidrográfica do rio limita-se a Oeste e Norte com a Bacia Taquari-Antas, ao Sul com a Bacia Baixo Jacuí e a Oeste com a Bacia dos Sinos. Conforme Müller (2006, p. 3):

O curso principal da bacia hidrográfica do rio Caí se estende ao longo de 257,6 quilômetros, desde suas nascentes mais altas, localizadas junto ao município de São Francisco de Paula, a mil metros de altitude, até sua foz, no Delta do Jacuí. Sua origem, em função de sua maior extensão e cota, é considerada como sendo a nascente do arroio São Jorge. Este arroio deságua no rio Santa Cruz, que após a transposição da barragem do Salto se junta ao arroio Cará. A partir desse ponto tem início o rio Caí.

É importante salientar que atualmente o rio ainda tem grande importância como meio de abastecimento e de lazer. Após breve descrição da importância histórica do rio e de características geográficas que auxiliam na sua caracterização, seguiremos em busca de referências para uma análise das enchentes sobre um viés cultural.

## Elencando conceitos

Inicialmente, torna-se importante destacar certos conceitos como memória, representações e imaginário. As considerações sobre memória que orientam este estudo provêm de autores como Goulart, Perazzo, e Lemos (2005, p. 155). Eles afirmam que a partir da segunda metade do século XX, a memória passou a ser objeto de estudo da sociologia e da história. Desde então, abriu-se espaço para a subjetividade e o sujeito passou, particularmente, a ter grande importância para a constituição dos campos de conhecimento citados. Os autores destacam que:

Como a memória se articula à produção da subjetividade (GONDAR; BARRENECHEA, 2003), temos nossa primeira posição: a memória, atualmente, é importante na nossa sociedade, porque a subjetividade é um elemento importante na constituição do mundo moderno (GOULART, PERAZZO, LEMOS, 2005, p. 156-157).

Antes de prosseguir com a discussão, faz-se necessário conceituar memória, que, conforme Le Goff (1996, p. 423), é a “propriedade de conservar certas informações, remetemos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode



atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. A memória não é apenas individual; é também coletiva. Esta última é a que geralmente mais interessa ao historiador. No século XIX, Sigmund Freud iniciou debates acerca da memória humana, trazendo à tona seu caráter seletivo, pois lembramos das coisas de forma parcial, escolhendo nossas lembranças. Conforme Silva (2005), o esquecimento é também um aspecto relevante para a compreensão da memória de grupos e comunidades, pois muitas vezes é voluntário, indicando a vontade do grupo de ocultar determinados fatos.

As memórias são importantes como fontes de estudo para a História oral, visto que ela procura apropriar-se dos aspectos sensíveis dos relatos e dos traços subjetivos lembrados pelos depoentes, para compor, no cruzamento com outras fontes, um quadro histórico plausível. As fontes orais são hoje caminhos amplamente reconhecidos pela historiografia como forma de acesso à memória e à História. Segundo Prins (1992), esse tipo de fonte torna possível reconstruir histórias locais de grupos, aldeias, ou até mesmo de ruas, oportunizando aos historiadores uma “descrição densa”, ou seja, “relatos ricamente tecidos, que têm a profundidade e os contornos que permitem uma análise antropológica substancial”. Ainda segundo o autor: “o que a reminiscência pessoal pode proporcionar é uma atualidade e uma riqueza de detalhes que de outra maneira não podem ser encontradas” (PRINS, 1992, p.192-193).

Para a realização das entrevistas seguiu-se as orientações de Thompson (1992), que destaca os diferentes estilos de entrevista, que vão desde uma conversa informal até o estilo mais formal e controlado de perguntar. Neste trabalho, faz-se uso das chamadas entrevistas exploratórias, visto que são poucos os registros escritos sobre o rio e as enchentes. E a partir desses relatos busca-se uma possibilidade de acesso à memória coletiva, bem como resguardar do risco de desaparecimento, através de transcrições, as falas e suas informações; neste caso, registros da história de São Sebastião do Caí. Trata-se também de identificar as tensões políticas, as negociações e os projetos da comunidade na constante reconstrução da memória e da identidade.

De acordo com Alberti (2008, p. 167):

[...] O trabalho com a História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história



das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo.

Portanto, para Alberti (2008), a memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. No caso da cidade de São Sebastião do Caí, o rio e suas enchentes constituem importante traço distintivo em relação às demais cidades da região, em relação aos “outros”. Como ensina a antropologia, é na diferença ou na alteridade que se constrói a identidade. Trata-se, contudo, de um processo de alta complexidade, como explica Silva:

[...] a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a sistemas de representação. (SILVA, p. 96-97)

O autor destaca que a identidade é uma construção, e como tal, é flexível e permeada de escolhas e, ainda, está ligada a sistemas de representação. Assim sendo, faz-se necessário uma definição mais precisa do conceito de “representação” para melhor esclarecer essa aproximação teórica. Nesse sentido, para Pesavento (2008, p. 13):

[...] as representações deram a chave para a análise desse fenômeno presente em todas as culturas, ao longo do tempo: os homens elaboram ideias sobre o real, as quais se traduzem em imagens, discursos e práticas sociais que não somente qualificam o mundo como também orientam o olhar e a percepção sobre essa realidade.

Pesavento destaca a representação como elaboração de ideias do real que se materializam de diversas formas e que orientam a percepção da realidade. Nesse sentido, as identidades, como afirma Silva (2000), estão ligadas a sistemas de representação.

A identidade se transforma constantemente de acordo com os “sistemas culturais que nos rodeiam”. Ela é, portanto, “definida historicamente, e não biologicamente” (HALL, 2002, p. 13). Assim sendo, a memória é essencial para a constituição da identidade do indivíduo e, conforme o autor citado, “[...] é formada na interação entre o eu e a sociedade”. Portanto, a identidade é constituída pelos sistemas culturais específicos do espaço ocupado por cada comunidade.



Para Catroga (2001, p.50), memória e identidade andam juntas. Os ritos de comemoração (ou seja, de “recordar com”) instituem sociabilidades que desenvolvem um papel pragmático e normativo no grupo social. A história e o patrimônio comum, material ou espiritual, inserem os indivíduos “em cadeias de filiação identitárias, distinguindo-os em relação a outros” e exigem dos membros de um determinado grupo “deveres e lealdades endógenas”. Um passado comum e os ritos de recordação criam as condições para a gestação de “sentimentos de pertença, em que cada subjetividade se autoreconhece filiada em totalidades genealógicas que, vindas do passado, se projetam no futuro” (Idem, p.51). Trata-se, portanto, de um “imaginário da memória” que liga a comunidade a um tempo/espço específico, que filia e distingue seus membros, identificando-os.

Durand (1996), expoente nos estudos sobre imaginário, enfatiza a importância do imaginário na construção da realidade. Ele propõe que o inconsciente coletivo está presente nas criações artísticas e literárias, pois interpretamos os símbolos e as imagens através de determinadas projeções inconscientes, mas carregadas de imaginários coletivos. Em concordância, Pesavento (2002, p. 8) também destaca o “[...] imaginário, como sistema de ideias e imagens de representação coletiva, que teria a capacidade de criar o real”. Nesse sentido, as enchentes, para os habitantes de São Sebastião do Caí, parecem funcionar como um traço distintivo para a cidade. As lembranças das antigas cheias, e as formas tradicionais de se relacionarem com elas, “filiam” os caienses a uma estranha forma de distinção. Ainda que as cheias, cíclicas e aleatórias ao mesmo tempo, pertencentes ao universo da natureza, não possam ser enquadradas na categoria de rito - como um aniversário, por exemplo - elas fazem parte da memória coletiva dos moradores. Mesmo em se tratando de uma “calamidade”, causadora de prejuízos materiais e humanos, sua rememoração fornece elementos para uma identidade local.

## Memórias e representações do rio e das enchentes

Buscando as memórias e representações do rio Caí e de suas enchentes entrevistamos dez caienses, com idade entre 20 e 81 anos, que residem ou residiram em locais por elas afetados<sup>1</sup>. A primeira questão da entrevista era em relação às lembranças e imagens que ficaram gravadas na memória sobre as enchentes do rio Caí.

---

<sup>1</sup>Agradecimento especial aos entrevistados pela disponibilidade e atenção e à família Selbachpela colaboração (fotos).





Quando indagados, foram destacadas muitas memórias da infância. Samuel (aposentado, 58 anos) relatou que, aos oito anos, lembra ter visto o pai caminhando na rua e ajudando a retirar as pessoas do meio da água. Já Neliese (professora, 23 anos) relatou: “Quando criança, os vizinhos vinham para cá, porque aqui em casa não entra água”. Ela e outros entrevistados destacaram o espírito de solidariedade que estaria muito presente em épocas de inundações. Essas ações coletivas se transformaram também em memórias coletivas. De acordo com Catroga (2001, p. 45):

Ninguém se recorda exclusivamente de si mesmo, e a exigência de fidelidade, que é inerente à recordação, incita ao testemunho do *outro*; (grifo do autor) e muitas vezes a *anamnesis pessoal* (grifo do autor) é recepção de recordações contadas por outros e só a sua inserção em narrações coletivas – comumente reavivadas por liturgias de recordação – lhes dá sentido.

Catroga traz um aspecto essencial para os estudos da memória, que é a importância do “testemunho do outro”, ou seja, enfatiza o caráter coletivo da memória e Pollak, na citação a seguir, destaca o sentimento de pertencimento gerado pelas memórias coletivas que garantem a coesão dos grupos:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade [...]. (POLLAK, 1989, p. 9)

Marisa (aposentada, 67 anos) afirmou: “Eu saí de casa às 18 horas e 30 minutos e tinha prova na Unisinos, fazia Nutrição. Quando cheguei, por volta da meia noite, já não conseguia mais entrar, só de caíque.” Marisa referia-se à enchente de 1982 que, segundo ela e outros entrevistados, veio com muita rapidez, fazendo com que muitas pessoas não tivessem tempo nem para salvar suas coisas. A fotografia abaixo, que registra o evento, permite observar a extensão da enchente, que abrangeu parte do centro da cidade.



Figura 2: Foto aérea da enchente de 1982, ao fundo o Country Tênis Clube, no centro da cidade.  
Acervo da família Selbach.

De acordo com Gilberto 1 (aposentado, 61 anos), “no tempo de guri, a enchente para nós era curtidão, era uma coisa boa na época. Nós fazíamos uma régua de medição e controlávamos para sabermos quando tínhamos que levantar as coisas. Já os adultos ficavam nervosos e preocupados. A enchente acabava com tudo, horta, flores”.

Vários entrevistados lembraram dos caminhões, máquinas e até de lanchas descendo e subindo, socorrendo as pessoas. E também de um intenso movimento, inclusive de carros, que vinham “olhar a enchente”. Nesse sentido, também encontramos uma imagem da enchente de 1928 que ressalta o que vemos atualmente. Um intenso movimento para “ver” a enchente. A foto evidencia o movimento em torno dos caícos para possivelmente saber como está a situação em outras ruas ou bairros. Atualmente, caícos e lanchas são comuns durante as enchentes e prestam inclusive serviços de “táxi”. O fato é que tal fenômeno natural passa a ser um evento.



Figura 3: Foto tirada durante a enchente de 1928.  
Acervo fotográfico da família Selbach.

Elias (marceneiro, 53 anos) também se lembrou dos esforços para erguer os móveis e utensílios, lembrança que Luiz (aposentado, 81 anos) também traz à tona, além da sujeira resultante das enchentes e do cheiro de barro que ficava impregnado nos objetos afetados durante muitos dias. Vários entrevistados lembraram e citaram a sujeira deixada pelas enchentes.

Thaís (recreacionista, 20 anos) relatou que lembra da “vó passando de caíque em cima da grade da casa dela na Vila Rica.” Thaís e outros entrevistados lembraram que as enchentes do rio Caí não assolam somente o bairro Navegantes, mas também bairros como Vila Rica, Quilombo e Centro.

As enchentes, por vezes, traziam muitas abóboras. Getulio (pescador, 60 anos) lembrou que ele e o irmão iam buscá-las de caíque no rio. Luiz relatou a mesma lembrança, acrescentando: “Eu gostava muito de remar. (...) Quando desconfiávamos que daria enchente, a primeira coisa a fazer era uma fornada de pão e de cuca no forno a lenha de barro que ficava lá fora”. Luiz e Getulio também citaram, durante a entrevista, a realização de salvamentos no rio.

Elias e Thaís citaram que, atualmente, muitos cães são abandonados, alguns sendo deixados inclusive amarrados pelos donos, sem que possam sequer tentar se salvar. Neliese também citou os animais que vêm com a enchente e que tentam se refugiar dentro das casas.

Samuel narrou: “Eu me criei na água, nadando. A mãe ia no rio lavar as roupas, não



tinha água onde morávamos. A gente esperava a roupa secar, daí levávamos pra casa.”

A memória não é, portanto, apenas individual: é também coletiva. “[...] a memória coletiva, composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, de um grupo” (SILVA, 2005, p. 276). Em concordância, Halbwachs(2006, p. 39) enfatiza: “Para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que esses nos apresentem seus testemunhos”. Para que uma memória coletiva seja mantida viva, é necessário que a pessoa concorde com as memórias do grupo e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança venha a ser reconstruída sobre uma base comum. O contato com o rio e as enchentes, de uma maneira ou de outra, fazem parte da memória da comunidade caiense.

A segunda questão colocada aos depoentes se referia ao significado das enchentes para as pessoas (crianças, vizinhos e idosos), verificando-se considerável semelhança nas respostas. Para as crianças, a enchente “era uma curtição, uma festa”, pois as crianças normalmente não se preocupam. Em relação aos adultos, vizinhos e idosos, surgiram várias ideias. “Alguns gostam de enchentes porque ganham roupas e comida, outros choram desesperados” afirma Thaís. Gilberto 1 afirma que “muitos torcem para dar uma enchente para terem comida de qualidade, que eles não têm.” Vários entrevistados citaram a utilização de bebidas alcoólicas pelos flagelados, muitos com desculpas como: “se eu não beber, fico gripado.” Conforme José Alceu, as enchentes causam mudanças nos comportamentos.

De acordo com a imagem a seguir e alguns relatos, a enchente era algo natural para parte dos caienses. A imagem representa a rua 1º de maio, no centro da cidade, e alguns moradores andando a cavalo na enchente de 1932; outros ficavam em pé, arregaçando as calças, enquanto as mulheres observavam a água das janelas.



Figura 4: Foto da esquina da rua 1º de maio durante a enchente de 1932.  
Acervo fotográfico da família Selbach.

Marisa assevera: “O meu pai ficava feliz com as enchentes, nós nos acostumamos com elas, pois passaram a ser um elemento de união da família.”

Com relação aos idosos, vários entrevistados comentaram a dificuldade maior em aceitar que às vezes não se tem mais força para levantar os móveis e para ajudar os vizinhos. “Agora eles dependem mais da ajuda dos outros”, afirma Neliese.

Getulio afirma ainda que “alguns flagelados dizem que perderam tudo, mas é porque não levantaram as coisas. Geralmente dá tempo, só na enchente de 1982 que não deu.”

A terceira questão era relacionada ao significado das enchentes para o entrevistado e incentivava a narração de momentos marcantes. “A enchente pra mim significa tristeza, perdas.” Em vários depoimentos aparece a impressão citada, junto com a sujeira e o cheiro de barro que fica após tais eventos.

Outros emitiram afirmações singulares, como Getulio, quando afirma: “A enchente não significa nada pra mim. Eu não queria que subisse tanto. Eu adoro, mas prejudica as pessoas.” Ou como Elias, que vê a enchente como limpeza. “Como algo que vem para limpar, tirar as coisas ruins, que faz parar pra pensar”. Afirma ainda: “Eu vim morar aqui, o rio já existia quando eu cheguei, então sou eu que tenho que me adaptar a ele.” E o rio “avisa quando vai subir,” ou seja, a partir das chuvas e trovões, de marcações de outras enchentes e dos meios de comunicação, de acordo com ele, os moradores podem se prevenir.



Marisa, em sua entrevista, lembrou que “antigamente existiam mais terrenos sem construções e isso fazia com que a água se espalhasse de maneira diferente de hoje. Muitas cercas eram derrubadas com a força da água.” A imagem abaixo evidencia pontos em que cercas eram derrubadas, mas também chama atenção para a existência de vários terrenos sem construção, o que, segundo Marisa, leva a uma distribuição desigual das águas a cada cheia. Sendo que determinada enchente pode ter sido mais alta em um ponto da cidade e, ao mesmo tempo, mais baixa em outro.



Figura 5. Enchente de 1920: Cercas sendo levadas pela água.  
Acervo da família Selbach.

No que diz respeito ao significado das enchentes, José Alceu (aposentado, 70 anos) afirmou: “a enchente me provoca descontentamento, ela desacomoda muitas pessoas e gera prejuízos. Ela me incomoda, traz sujeira, gera mudanças de comportamento – bebidas alcoólicas. É um enorme problema econômico e social.” Segundo o entrevistado, a enchente vai fazer parte do Caí enquanto o rio existir, portanto é necessário tomar medidas educativas para que as pessoas saibam se preparar para enfrentar a enchente.

Gilberto 2 (aposentado, 63 anos) afirma: “uma das maiores enchentes foi a de 1875, a enchente do Barro Vermelho; isso eu conto porque meu pai contava.” Nessa afirmação podemos observar a memória oral passando de geração para geração.

A última questão era: “E o rio Caí, o que significa na sua vida, no seu cotidiano?” Gilberto 1, Samuel, Luiz, Marisa, Elias e Gilberto 2 lembraram dos piqueniques e banhos no



rio Caí. Momentos de muita diversão. “A água era limpa. Tinha muitas vertentes e muitas cachoeiras. Íamos de caíque pescar.” Luiz afirma: “eu adorava remar, atravessava o rio de um lado a outro, mesmo com enchente.”

Na imagem a seguir, datada de 1928, parece que as pessoas retratadas, como Luiz, também estão alegres, fazendo pose para o fotógrafo; elas não parecem estar preocupadas com a enchente. A fotografia mostra o vapor Salvador e um lanchão carregado com sacos. A imagem é uma representação da enchente ao lado do PortoGuimarães.

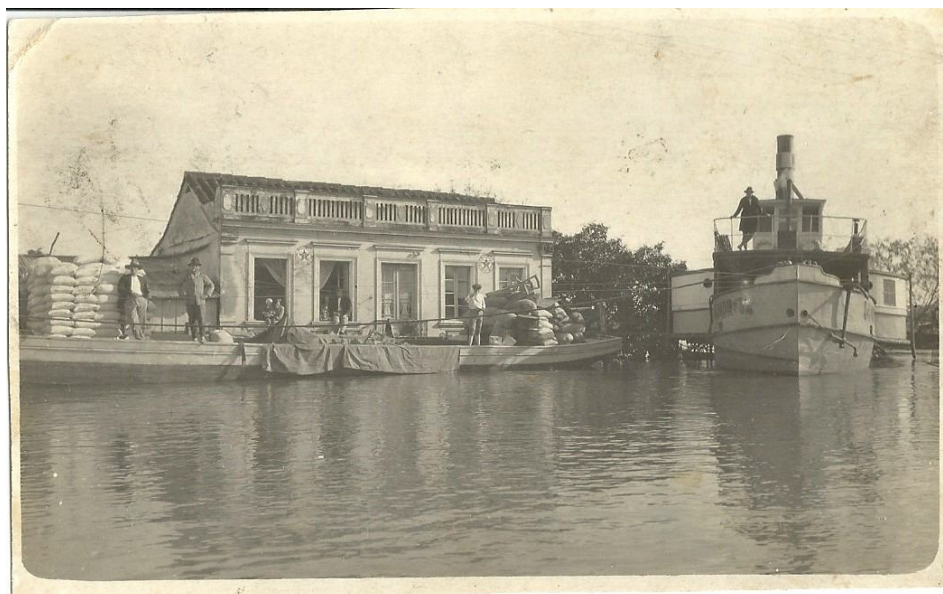


Figura 6: Imagem tirada pelo do cais do Porto, na rua da Barca durante a enchente de 1928.  
Acervo fotográfico da família Selbach.

José Alceu afirmou que “num momento, o rio foi a mola de desenvolvimento do Caí. Foi importante para economia, para a implantação de empresas; mas hoje não tem mais condições de navegação.” Hoje, segundo ele, para que o rio volte a ser importante, para se tornar atração turística, seria necessário despoluí-lo. E isso, ainda segundo o morador, teria que envolver vários municípios.

Neliese e Thaís já não tiveram este contato com o rio, de frequentá-lo como balneário, por exemplo. Neliese afirma que o rio foi muito importante no passado. E Thaís afirma que a orla do rio hoje não é muito frequentada, e que às vezes é um local perigoso. E Elias diz que a orla precisa de mais cuidados. O mesmo lembra, ainda, que é o rio que fornece água aos caienses.

Em seu depoimento, Marisa diz: “Para mim, a água é uma coisa incrível, eu gosto da



água, pois ela é um bem maior. Eu vou todas as manhãs até o rio. Para mim é um local de oração. O rio marcou a vida da minha família.” E Getulio respondeu à questão dizendo: “O rio é tudo pra nós, do rio vem nosso alimento e nossa água. Eu não saio de perto dele por nada. Isso é minha vida!”

## Considerações finais

O rio Caí está na constituição da história caiense não só em função do desenvolvimento econômico que possibilitou a partir de suas águas, mas também pelas lembranças dos bons momentos vividos por seus moradores em um rio cheio de belezas naturais. O rio Caí faz parte das memórias de lazer e diversão de muitos caienses. Pessoas que tomavam banho no rio, pescavam, remavam, enfim, o rio era parte integrante de suas vidas.

Ainda que as enchentes pertençam ao universo da natureza e que sejam uma “calamidade”, sua rememoração fornece elementos que reforçam uma identidade local. As memórias, que tiveram aspectos comuns em várias entrevistas, se transformaram em memórias coletivas da comunidade caiense. E, como já foi afirmado anteriormente, a identidade se constrói a partir da diferença. Partindo-se do pressuposto de que a relação dos caienses com a enchente é peculiar em vários aspectos - como a solidariedade e o conformismo da maior parte dos entrevistados, podemos dizer que muitas memórias coletadas aparecem como traço distintivo, como um elemento identitário específico da cidade, como memórias coletivas.

As enchentes são consideradas um evento por muitos caienses, um evento que mobiliza as pessoas e até aumenta a solidariedade entre os vizinhos. Para outros, são algo natural, com o qual devem conviver por terem escolhido morar ali. O fato é que as enchentes fazem parte do imaginário dos caienses, constituem-se como fato natural e cultural ao mesmo tempo, sendo assim um traço distintivo da identidade local.

## Referências bibliográficas

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla B. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org.) **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Lisboa: Piaget, 1996.





- GOULART, Elias Estevão; PERAZZO, Priscila Ferreira; LEMOS, Vilma. Memória e cidadania nos acervos de história oral e mídia digital. **Em Questão**. Porto Alegre: v. 11, n. 1, jan./jun. 2005, p 153-166.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. A identidade em questão. In: HALL, Stuart. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.
- MÜLLER, Jackson. Rio Caí: o rio das nossas vidas. **Projeto Educacional Folha**. N. 366, Especial Rio Caí, 2006.
- PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade**. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- PESAVENTO, S. J. Introdução. In: PESAVENTO, S. J.; ROSSINI, M. S.; SANTOS, N. W. (org.). **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em História Cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008.
- PLANO DA BACIA DO RIO CAÍ. Relatório temático B4: consolidação do conhecimento sobre recursos hídricos e enquadramento dos recursos hídricos superficiais. Disponível em: <[http://www.comitecai.com.br/plano/down\\_RTb4.html](http://www.comitecai.com.br/plano/down_RTb4.html)>. Acesso em: 10 mai. 2012.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.
- PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- REINHEIMER, Dalva N. **A navegação fluvial na República Velha gaúcha**. São Leopoldo: Oikos, 2010.
- SILVA, Karina V. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## Entrevistas

### Moradores do bairro Navegantes/ São Sebastião do Caí

- FLORES, Getulio. Entrevistado em novembro de 2011.
- KAYSER, Gilberto. Entrevistado em fevereiro de 2012.
- NOGUEIRA, Thaís. Entrevistado em fevereiro de 2012.
- RODRIGUES, Elias. Entrevistado em novembro de 2011.
- RODRIGUES, Samuel. Entrevistado em janeiro de 2012.
- SELBACH, Gilberto. Entrevistado em janeiro de 2012.

### Moradores do bairro Centro/ São Sebastião do Caí

- KLEIN, Neliese. Entrevistado em janeiro de 2012.
- PAULA, José Alceu. Entrevistado em fevereiro de 2012.



SELBACH, Luiz Sebastião. Entrevistado em maio de 2011.  
SELBACH, Marisa. Entrevistado em maio de 2011.

*Recebido em Julho de 2013.*  
*Aprovado em Agosto de 2013.*